

| Seção: Artigo |

DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202019>

## MOVIMENTAR DIVERSOS MUNDOS COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

### MOVING OTHER WORLDS WITH CINEMA AND GEOGRAPHY EDUCATION

### MOVERSE VARIOS MUNDOS CON EL CINE EN LA ENSEÑANZA DE GEOGRAFÍA

---

#### Débora Schardosin Ferreira

Doutora, Mestre e Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professora de Geografia na Rede Municipal de Porto Alegre.  
[debora.sdf@gmail.com](mailto:debora.sdf@gmail.com) / <http://orcid.org/0000-0003-2617-460X>

#### Ivaine Maria Tonini

Licenciada em Geografia, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Pós-doutora pela Universidade de Barcelona. Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS.  
[ivaine@terra.com.br](mailto:ivaine@terra.com.br) / <http://orcid.org/0000-0002-8524-9117>

---

**Recebido para avaliação em 28/07/2019; Aceito para publicação em 10/09/2019.**

---

#### RESUMO

O entendimento do cinema como arte na escola pode proporcionar experiências entre professores e estudantes capazes de movimentar o pensamento. Essa é uma perspectiva que possibilita o surgimento e a consolidação de outras Geografias, que não estão em um currículo tradicionalmente estabelecido. Assim, o objetivo do presente artigo é provocar a discussão sobre o cinema na escola e refletir sobre quais são suas possibilidades para o ensino de Geografia. Problematisa-se o cinema na escola como arte com demandas e oportunidade de artistagem para uma docência com autoria. Ainda, discutem-se as possibilidades da articulação entre o ensino de Geografia e o cinema a partir de um diálogo com as discussões de trabalhos desenvolvidos por autores como Larrosa (2011), Massey (2009), Migliorin (2015), Corazza (2012) Tonini (2013), entre outros. Essa discussão fomentou considerações de que a perspectiva do cinema como arte construída e de toda sua elaboração capturam o espectador para além do que foi assistido. A problematização da imagem é uma oportunidade para abertura de outras Geografias em sala de aula, permitindo, inclusive, a invenção de outros mundos possíveis.

**Palavras-chave:** Cinema; Docência; Ensino de Geografia.

#### ABSTRACT

The understanding of cinema as a school art provide experiences between teachers and students which can change their thinking. This point of view creates a possibility to consolidate all the Geography types, which are not in a pre-established school curriculum. Therefore, this paper goal is promote a discussion about cinema at school and think carefully about what are the possibilities to Geography teaching. This paper purpose the use of cinema like a base tool capable to improve teacher's imagination providing the appearance of new ways to teach. The article also discusses about the possibilities of articulation between Geography instruction and cinema, considering the teachers and students experiences in classroom. To the discussion basis, are used papers by authors like Larrosa (2011), Massey (2009), Corazza (2012) and Tonini (2013). This discussion brings us a

movement of thoughts which is a differential in the present moment. The perspective of the cinema as constructed art and all its elaboration, that capture the spectator beyond what was watched. The problematization of the image is an opportunity to open other Geographies in the classroom, allowing the invention of other possible worlds.

**Keywords:** Cinema; Teaching; Geography Instruction.

### RESUMEN

La comprensión del cine como arte en la escuela ofrece experiencias o experimentaciones entre maestros y estudiantes capaces de mover (cambiar) el pensamiento. Esa es una visión que posibilita el surgimiento y la consolidación de otras Geografías, esas que no están en el currículo “estático” o preestablecido. Así, el objetivo del presente artículo es provocar la discusión acerca del cine en la escuela y reflexionar acerca de cuáles son sus posibilidades en la enseñanza de la Geografía. Se plantea el cine en la escuela como arte con demandas y oportunidad de “artistagem” (el hacer arte) para una maestría con autoría. Además, se propone discusión de las posibilidades de articulación entre la enseñanza de Geografía y el cine y se lleva en consideración la experiencia de maestros y estudiantes en sala de clase. Aún, para eso, alludamos las discusiones de trabajos desarrollados por autores como Larrosa (2011), Massey (2009), Migliorin (2015), Corazza (2012) Tonini (2013), entre otros. Esa discusión, nos ofrece la oportunidad de mover pensamientos los cuales en ese momento presentarse como un diferencial. La perspectiva del cine como arte que es hecha en un proceso de construcción y de toda su elaboración sacan a el lector para más allá del asistido. La problematización del imagen es una oportunidad a la creación de otras Geografías en sala de clase, lo que permite, incluso, la invención de otros mundos posibles.

**Palabras clave:** Cine; Maestría; Enseñanza de Geografía.

---

## O MUNDO DE OUTRAS GEOGRAFIAS

Há uma palavra que apesar de parecer muito abrangente, indefinida, e, talvez, muito usual, pode resumir toda geografia que conhecemos, trata-se do termo mundo. Por exemplo, corriqueiramente costumamos dizer que há certas “visões de mundo” que podem variar individualmente. Certamente quando o utilizamos é como sinônimo de certa compreensão de sociedade, ou, com uma definição mais geográfica, da interpretação do espaço geográfico para esta pessoa. Afinal de contas, se nos detivermos a analisar e compreender os eventos que acontecem no espaço geográfico, este não envolve somente as pessoas, mas também o mundo de convivência experienciado, logo seria possível até dizer que são “visões a partir do lugar”. Por essa razão, o termo mundo nos possibilita pensar no espaço geográfico de uma forma menos positivista, mais próxima e subjetiva, que traga uma sensibilidade para entender a relação existente entre espaço físico e seres humanos, que nos permita refletir sobre as condições de vida do outro.

Na escola podemos nos questionar quais discursos estão sendo constituídos nas nossas aulas de Geografia para contemplar esses distintos mundos possíveis, cabe também questionar acerca de qual forma o cinema pode possibilitar inventar outras “visões de mundo” que podem ser compreendidos geograficamente? De que forma o cinema

possibilita inventar outras “visões de mundo” que podem ser compreendidos geograficamente? Este outro pode ser o colega com o qual o estudante convive na mesma sala de aula, trajetórias de vida que se cruzam naquele mesmo lugar ou, ainda, uma experiência nas aulas de Geografia que permitam ver o mundo de forma diferente, modificando o “estar aqui” deste seu lugar e transformando a sua configuração (MASSEY, 2009).

Não podemos ficar alheios ao fato de que vivenciamos tempos difíceis de desmantelamento da educação e de uma retirada progressiva da autonomia escolar, embora este conflito já estivesse sendo agravado há anos. Diante de uma crise política e econômica no início desta década, temos retrocessos em políticas educacionais em todas as escalas governamentais que surpreendem pela rapidez e descaso com um lento processo democrático que anteriormente se desenvolvia quanto às decisões para a educação.

Isso nos in(des)comoda e traz uma situação em que mais do que nunca nos perguntamos: como tratar o ensino de Geografia diante de tudo isso? Temos claro que não existem respostas prontas para este questionamento, mas é esta inquietação que nos move a procurar maneiras de resistir com o conhecimento que temos da ciência geográfica e o quanto acreditamos que ela possa contribuir na sociedade. Esta nossa crença não se funda somente em leituras teórico-acadêmicas da ciência geográfica, mas em como estas se entrecruzam com a vivência docente no contexto escolar.

É mais do que urgente a necessidade de refletir sobre qual Geografia estamos presenciando em nossa sala de aula como um currículo nômade (CORAZZA, 2012; PARAÍSO, 2015) que participa da vida e traz linhas de fuga. Estas linhas mostram outros mundos, através da competência de ensinar do professor e do desejo de aprender do estudante, mas em que ambos aprendem e ensinam juntos. Para este fim, se torna um ato político docente tratar sobre estas possibilidades legitimando-as na escrita acadêmica para que seja considerado este currículo que também existe na prática das nossas resistências no ensino de Geografia e na relação com a escola. A partir de um olhar geográfico a escola é um lugar de conformação única de pessoas e suas relações, elementos físicos e localidade, com uma história própria, cruzada pelas trajetórias históricas daqueles que a acompanham.

Desta forma, propomos nestes escritos uma provocação de como o cinema tem sido utilizado nas nossas aulas de Geografia e a possibilidade do acréscimo da sua compreensão como manifestação artística a partir de uma revisão bibliográfica, de modo a referendar a importância da sensibilidade na sala de aula, tanto para professores como para os estudantes. Iniciamos a discussão a partir do contexto atual e potencial do cinema como arte na escola. A partir de um olhar crítico para o cinema já existente no ambiente escolar

nos apoiamos nas possibilidades apresentadas por autores como Larrosa (2011), Bergala (2008) e Migliorin (2015). Deste modo, podemos relacionar com a potencialidade desta perspectiva a Geografia escolar que compreenda o cinema como arte e se abra a um currículo nômade (CORAZZA, 2012). Para este fim são apresentados argumentos nos estudos geográficos a partir de Massey (2009), Kaecher (2007), Tonini (2013) e Oliveira Jr. (2006). Desta forma, sem desconsiderar o professor e o estudante, queremos propor uma perspectiva da experiência do cinema na escola que possibilite refletirmos sobre outros mundos nas aulas de Geografia.

### **CINEMA E DOCÊNCIA: arte fora da lei**

Uma das linguagens contemporâneas que mais se desenvolveu no decorrer do século XX e neste início de século XXI foi o cinema. Da fotografia em sequências aos filmes disponíveis para download na Internet, o cinema, antes restrito aos telões das salas de exibição, hoje pode ser apreciado, até mesmo, pelas pequenas telas dos smartphones. A presença do audiovisual e, principalmente, o gosto pelo cinema é algo que está presente também na escola tanto por parte dos professores como de estudantes.

No Brasil, historicamente existem enunciados que envolvem o grande discurso de importância da educação, sempre gerando a prática de instituir normativas a partir do poder público. No entanto, estas práticas através da sua redação oficial, dificilmente se preocupam em ressaltar a importância do respeito aos contextos específicos geográficos de cada comunidade escolar, vide as mudanças históricas nas políticas curriculares. As medidas governamentais de forma impositiva para a escola são cada vez mais comuns através de diversos mecanismos que visam à diminuição drástica de investimentos.

Desta forma, a Lei 13.006/2014, que foi formulada para uma obrigatoriedade do cinema nacional nas escolas, visava uma abertura ao pensar cinema no espaço escolar com uma regulamentação que traria recursos para os projetos em cinema-educação. No entanto, após a instabilidade política que ocorreu no país em 2016, a referida lei teve sua possibilidade de regulamentação estagnada, assim como os incentivos estatais que colaboravam para sua efetivação. De qualquer forma, era mais uma normativa redigida que foi acrescentada à Lei de Diretrizes e Bases (LDB-Lei 9.394/1996) no seu Artigo 26, parágrafo 8.

§ 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.

Todavia, a obrigatoriedade da exibição do cinema nacional nas escolas, apesar de ter como objetivo principal o incentivo à formação de cinéfilos para consumo da produção nacional, poderia ajudar a efetivar de forma ampla discussões que emergem há algum tempo em projetos teórico-pedagógicos do cinema nas escolas em articulação com a academia. Podemos nos questionar se este incentivo à indústria nacional do cinema de forma imposta às escolas respeitou aqueles que estão lá, ou seja, os professores e estudantes. Além disso, até recentemente, o cinema nacional recebia auxílio governamental específico para sua produção, o que Fresquet e Migliorin (2015) ponderam que, nesta perspectiva, o Estado poderia criar mais uma justificativa para comprar algo comercial. Os autores defendem um interesse do cinema que já é financiado com o auxílio estatal em projetos também para educação. Haveria uma “curadoria constituída por profissionais responsáveis pelas áreas em diálogo” (FRESQUET; MIGLIORIN, 2015, p. 11). Desta forma, seria uma democratização para o acesso a estes filmes que, geralmente, não alcançam as diferenças existentes na sociedade brasileira.

Ao pensarmos nesta possibilidade de conversa entre profissionais do cinema e da educação e na possível descoberta de saberes através de uma regulamentação da Lei, o cinema iria para além do entretenimento ou da ilustração, poderia movimentar pensamentos através da experiência. Neste entendimento teórico o cinema é considerado como Arte, possibilidade de experiência, como “isso que me passa” e não algo que passa (LARROSA, 2011). É para o autor “um movimento de ida e volta” porque sai de quem ela “se” passou e volta, pois, afeta, modifica este que passou pela experiência, de forma que “o sujeito da experiência se exterioriza em relação ao acontecimento, se altera, se aliena” (LARROSA, 2011, p. 7).

Neste sentido poderíamos ver e pensar os filmes como uma criação, a partir de uma leitura descodificada, que considere cada plano como uma pincelada de um pintor na tela, como explica o cineasta e crítico francês Bergala (2008). Este autor prioriza o entendimento do cinema como arte e isso nos abre possibilidade da experiência em assistir-lo e de gerar transgressões no pensamento, de modo a movimentar o que já tínhamos como estabelecido. Para a reflexão do uso e compreensão do que seja o cinema na escola esta perspectiva potencializa o fazer docente.

O cinema em si, como filme, é tanto forma como conteúdo da sua arte para o ensino em sala de aula. Isso porque quando assistimos a uma obra cinematográfica não é somente um ponto de vista ético ou moral que devemos priorizar, mas junto com toda uma linguagem do cinema, sua narrativa e sua história, naquele contexto. A produção de um filme, nos contextos das aulas de Geografia, deve ser levada em conta, pois não pode

ser assistido como ilustração. A Geografia escolar muitas vezes se utiliza das imagens como verdades, quando deveria pensar que são rerepresentações de determinado espaço através de paisagens. Talvez, pudéssemos saber de outras Geografias na sala de aula ao assistir a um filme e deixar-se envolver pela experiência da sua luz, suas imagens em movimento, sons, toda a composição de cenário, personagens e paisagem, com a intenção de um diretor e a interpretação de seus atores. Tudo isso pode ser apreendido e percebido, tanto quanto o ponto de vista ético ou moral apresentado pelo roteiro o que, geralmente, é o único foco do cinema utilizado em sala de aula (BARBOSA; JUNQUEIRA FILHO, 2014).

Logo, o cinema pode mais que ser um recurso utilizado como ilustração na escola. Compreendendo como arte, ele permite a invenção de diferentes mundos, outras Geografias que dependerão da experiência individual que temos assistindo ao filme. O cineasta e professor Cezar Migliorin (2015), após sua experiência com projetos de cinema em escolas, chega a denominar de “risco” esta inserção porque podemos provocar mundos que surjam de desejos e que sejam possíveis em um ambiente escolar que, geralmente, não tem isso como objetivo. Visto deste modo, acreditamos que o cinema é um “risco” para a escola e para um ensino de Geografia baseado num currículo prescrito, porque pode deixar livre o ato de imaginar e permitir que uma Geografia sensível dos mundos desejáveis e possíveis possa vir à tona. Conseguir deixar de lado o descompasso entre a cultura letrada e a cultura audiovisual, já que a última, muitas vezes, é estereotipada como lazer, não sendo considerado conhecimento para o ambiente escolar. Para, além disso, ainda costumeiramente utilizamos os filmes como motivação para discussão de temas específicos dos conteúdos geográficos. Reconhecemos que na formação docente, de modo geral, somos incentivados a tratar o cinema como proposta de discussão nas “práticas pedagógicas” e, frequentemente, sabemos muito pouco sobre a sua produção e a arte que o envolve. Não que isso seja algo errôneo, mas podemos ir além através desta reflexão fazer da Arte do cinema uma forma a possibilitar que surja o inesperado ao currículo prescrito.

Outra questão é o tempo da escola e o tempo que, geralmente, é destinado ao cinema na escola. É comum, por exemplo, estabelecermos parcerias com outros colegas para compor os períodos necessários para exibição do filme, do contrário um longa metragem dificilmente será assistido. Questionamos a experiência através de trechos dos filmes, porque dificilmente é possível se conectar àquela obra como foi inteiramente pensada para o espectador. É um desafio que se impõe à docência incluir o cinema na escola, e ainda acrescentam-se os contratempos comuns como a falta de infraestrutura da escola, por exemplo, para uma boa qualidade de exibição, tanto em equipamentos como ambientação da sala para experienciar o filme.

Enunciamos estes possíveis entraves, porque nos colocamos também neste processo de descoberta sobre as possibilidades do cinema como arte na escola. Nesta perspectiva, não estamos propondo algo impossível como reflexão a nós, professores, e especificamente aos de Geografia pela experiência espacial do cinema. De forma alguma queremos aqui fazer como muitos escritos da educação que fazem perguntas às quais já sabemos as respostas e que em nada auxiliam a progredir a partir de uma problematização das práticas que acontecem no ambiente escolar (SKLIAR, 2002). Sabemos dos problemas de infraestrutura escolar para dar conta de mais uma demanda e, por isso, afirmamos que necessitamos de formação para possibilidade de ampliação de repertório e que seja algo de desejo do professor, não apenas mais uma política imposta na escola. Não como algo obrigatório, mas que possa proporcionar para professores e estudantes uma descoberta de novos mundos de forma conjunta.

Acreditamos que ao se permitir estes desafios os professores, incluindo aqui os de Geografia, poderiam com o cinema na escola legitimar a autoria docente de modo a permitir processos de artistagem (CORAZZA, 2012). Desta maneira, o cinema em suas diversas possibilidades age como uma linha de fuga que possibilita ao professor uma resistência através da sua escolha, porque envolve uma opção pessoal. É um modo de trazer a sua autoria a partir do que o motiva para um “não cotidiano” da escola.

Assim, a experiência com o cinema é algo que vem de uma artistagem docente que envolve o gosto do professor. Para Bergala (2008), é esta postura que permite uma suscetibilidade a desestabilizar a hierarquia professor-aluno. Ele denomina como nossa responsabilidade a iniciação ao cinema para as crianças, em que podemos encontrar um “lugar” diferente daquele que a escola como instituição espera do docente. Ainda ressalta que não importa se somos da área de conhecimento das disciplinas que envolvem as artes ou não, porque há diferença entre o ensino artístico e a educação artística. Podemos transformar o ensino de Geografia em um “ensino artístico”, já que, como ressalta Corazza (2012), não é que o professor seja um artista, mas como a fronteira entre estas diferentes “moléculas” se entrecruzam sem conseguir mais distingui-las.

Desta forma o cinema na escola prescinde do professor e, concomitantemente, ao assistirmos em conjunto com os estudantes estamos mostrando a nossa importância e dissolvendo por um momento certa hierarquia. Somos essenciais, porque um filme não pode ser somente passatempo ou uma breve introdução de um novo conteúdo curricular, ele pode mais como arte, permitir uma artistagem do professor que movimente o pensamento deste e dos estudantes que experienciam em conjunto. Um filme, como toda obra de arte, pode até gerar discussão, mas porque ele é capaz de despertar emoções, alça

voos à imaginação, faz-nos lembrar situações e com isso podemos encontrar neste movimento de pensamento outras Geografias.

## **O CINEMA PARA MOVIMENTAR OUTRAS GEOGRAFIAS**

Se o cinema pode auxiliar a movimentar o pensamento e inventar outros mundos, os conhecimentos geográficos podem ali ser encontrados. Considerando a premissa de que não se pode lutar por aquilo que não se conhece, como a Geografia em relação com o cinema pode auxiliar os estudantes a reconhecer outros mundos? Como o cinema, seja o nacional ou não, através da experiência como arte, possibilita diferenciar os conhecimentos tradicionalmente considerados geográficos?

Acreditamos que seja necessária na escola a visão de um cinema como arte, subversão ao que está posto, que produza uma inventividade. Podemos transgredir as possibilidades das nossas aulas de Geografia através do cinema, por exemplo, pela liberdade do olhar do estudante. Quantas possibilidades poderão reconhecer numa sala de aula se houver a liberdade que os estudantes nos apresentem o seu enquadramento cinematográfico? A possibilidade da imagem em movimento desloca o olhar para possíveis rerepresentações espaciais que podem movimentar a Geografia abordada na sala de aula.

Assim, a Geografia da sala de aula se relaciona com o cinema, porque ele envolve o mundo no processo de produção das suas imagens. No entanto, não podemos confundir estas imagens com uma representação fiel, a imagem cinematográfica é composta por duas presenças: o mundo que a atinge e uma construção do real por aquele que a está fazendo (MIGLIORIN, 2015). Ou seja, o cinema não é uma legenda do mundo, mas um modo de descobri-lo. Numa perspectiva geográfica em sala de aula, podemos pensar que isso se dá descobrindo outras possibilidades de paisagens; espaços desconhecidos que são retratados e exibidos através de um enquadramento, seja filmado ou exibido, mas que permite a imaginação.

Sobre as imagens cinematográficas, Migliorin (2015, p. 35) argumenta que “toda imagem, portanto, é o mundo afetando-a e, a um só tempo, certa opção de mundo que envolve atores humanos e não-humanos”. Desta forma, encontramos a Geografia através do lugar que dá origem à imagem cinematográfica, já que pode ser entendido como um espaço conjunto formado por múltiplas trajetórias, assim como na perspectiva da geógrafa Doreen Massey (2009). Ela o conceitua como sendo uma negociação entre humanos e não-humanos, uma porção do espaço caracterizada por sua eventualidade que nos coloca o desafio de entendê-lo naquele momento, com toda sua multiplicidade.



Assim, o cinema como arte possibilita este viés geográfico de compreensão que pode ampliar o que abordamos como espaço na sala de aula. Ao adotar esta postura possibilitamos problematizar as imagens que apresentamos aos alunos, a partir de toda arte que envolve o cinema, para promover o pensamento a partir daquilo que experienciamos no lugar em que convivemos, seja este lugar a escola, a sala de aula ou quaisquer outros.

Ao vivenciar a riqueza de caminhos que o cinema na escola oportuniza às aulas de Geografia, estamos em conjunto com os estudantes possibilitando a experiência do pensar sobre as realidades de mundo que já estão estabelecidas. Discutir em conjunto o processo cinematográfico abrange um compartilhamento que gera distintas experiências nos modificando. Este movimentar de pensamento ocorre porque a experiência é um percurso, uma passagem, uma travessia, conforme Larrosa (2011). Este caminho, para o autor, é incerto, um perigo, pois inventa outros mundos para o sujeito da experiência. De acordo com ele:

Se a experiência é “isso que me *passa*”, o sujeito da experiência é como um território de passagem, como uma superfície de sensibilidade em que algo passa e que “isso que me *passa*”, ao passar por mim ou em mim, deixa um vestígio, uma marca, um rastro, uma ferida (LARROSA, 2011, p. 8).

O autor, ao considerar uma perspectiva deleuziana, compara a experiência como ação em um território, causando uma posterior reterritorização, e esta pode ser uma mudança. Se a aula de Geografia na escola puder ser uma experiência através do cinema, o que podemos proporcionar é uma percepção mais sensível do mundo ao passar por este processo.

Acreditamos nas imagens do cinema como experiência que pode movimentar o pensamento, trazendo sensibilidade ao ambiente escolar que, como um lugar no espaço geográfico, possui múltiplas trajetórias o constituindo de forma dinâmica e eventual (MASSEY, 2009). Logo, é ensinar Geografia nas aulas que se proponham a auxiliar o pensar estas trajetórias. Podemos movimentar o que já está posto como verdade em diversos aspectos, através das imagens do cinema como arte, consequentemente repensando como se encontra este lugar da escola.

O cinema como arte propõe outro passar de tempo para experienciar, contrapondo-se ao tempo burocrático da escola. O que para alguns é uma perda de tempo, essa é a oportunidade de em conjunto com os estudantes experienciar outra Geografia. Para isso, Kaercher (2007) nos auxilia a repensarmos a função da Geografia, como

um pretexto para pensarmos nossa existência, uma forma de “lerpensar” filosoficamente as coisas e as relações e influências que elas têm no nosso dia-a-dia, porque “olhar as coisas” implica pensar no que os seres humanos pensam delas (KAERCHER, 2007, p. 16).

Se conseguirmos chamar a atenção daquele estudante na sala de aula sobre alguns novos modos de olhar, como no argumento acima, estaremos questionando imagens e refletindo sobre como os contextos de vida proporcionados pelo cinema também são Geografia. Esta sensibilidade para olhar outras existências, criando outros mundos e nos provocando à reflexão, torna a Geografia mais ligada ao humano, mais tocável em sala de aula, próxima de uma experiência que aconteça simultaneamente entre nós professores e os estudantes.

O cinema pode despertar uma sensibilidade geográfica, já que na obra o espaço é recortado, recriado, inventado de acordo com a proposta do autor, imbricado de tal forma na vida dos personagens que participa ativamente das sensações do espectador durante a experiência de assistir ou pensar como criar o filme. Temos elementos da paisagem que são recriados, proporcionando um novo olhar sobre aquele espaço que, desta forma, se adequa a determinada narrativa da obra e não precisa, necessariamente, corresponder ao espaço concreto. Essa dimensão espacial em que os personagens desenvolvem suas ações é o campo de estudos da Geografia do cinema, segundo Oliveira Jr. (2006). Este espaço está além do que se situa entre o “espaço real” – que pode ser cartografado, que está além do recorte cinematográfico – e o “espaço imaginado” pela sua produção. O cinema não tem o compromisso com a “realidade” do espaço. Pelo contrário, se utiliza dele para suas subversões e nos possibilita novas leituras.

Com o cinema trazemos a discussão das imagens com as quais convivemos para a sala de aula. Geralmente não são questionadas as imagens que costumeiramente utiliza-se no ensino de Geografia como representação do real. As imagens disponíveis que temos de maneira mais comum é o tradicional livro didático, que continua a reproduzir estereótipos de mundo no seu discurso que demonstram as relações de poder da nossa sociedade conservadora (TONINI, 2013). Temos que levar em conta que a imagem grafa o espaço a partir de uma perspectiva, e assim o destaca. São elas que nos auxiliam a criar as referências do que imaginamos como real. Segundo Oliveira Jr. (2009):

Educar os olhos não é somente fazê-los ver certas coisas, valorar certos temas e cores e formas, mas é, sobretudo, construir um pensamento sobre o que é ver; sobre o que são nossos olhos como instrumentos condutores do ato de conhecer, levando-nos mesmo a acreditar que ver é conhecer o real, é ter esse real diante de nós (OLIVEIRA Jr., 2009, p. 19).

Como conhecimento geográfico necessário na escola a problematização das imagens se faz urgente no questionamento de estereótipos, por exemplo. Essa credibilidade que envolve as imagens no contemporâneo também é ressaltada pela geógrafa Doreen Massey (2009) sobre a relação do espaço e os eventos midiáticos atuais. Retratados em imagens, esse acontecimentos criam a ideia de um mundo integrado, globalizado em sua totalidade. Essa concepção, porém, desvincula as diversas temporalidades que atuam no espaço. Ela considera o espaço como múltiplo e o desafio espacial que sempre existiu nos lugares, como espaço de negociação. O mundo globalizado é apenas um dos temas discutidos pela Geografia muitas vezes retratados em imagens que ao “vermos” nos dita algo que é “real”.

Da mesma forma, ao utilizarmos as imagens sem um questionamento do que quer mostrar como realidade, ao apresentar discursos com mundos prontos, reforçamos uma visão de mundo de uma Geografia única, contrariamente ao que deveria na sala de aula ter seu pensamento movimentado, dado que são múltiplas. Assim, defendemos que o cinema pode trazer a possibilidade de questionar as imagens e perceber discursos que nos permeiam através das linguagens culturais que estão presentes no nosso cotidiano, porque

A narrativa única para essas identidades tende sempre a fechar o campo de significação, restringe a diversidade e acabam dando um roteiro para os estudantes de como geografá-las. Pensar nas possibilidades de des-fazer, des-montar, dis-juntar os discursos das imagens são umas das tantas urgências necessárias, para isto é preciso estar em contínuo combate com as armas trazidas pela cultura (TONINI, 2013, p. 189).

Porém, na prática em sala de aula percebemos que poucos têm formação docente para perceber tamanha dimensão da relação das imagens com discursos. Reforçamos aqui o cinema como possibilidade de movimentar o pensar tanto sobre as imagens como sobre o próprio ensino de Geografia. Como professores, procuramos refúgio para o engessamento escolar na resistência cotidiana através do que possa nos satisfazer, tendo os jovens estudantes como parceiros. A resistência através do cinema pode se relacionar ao conhecimento espacial. Este sim é mediado por nós, professores de Geografia, que precisamos constantemente ter como objetivo a epistemologia da nossa ciência e repensar sua função no currículo, levando em conta a cultura presente.

## **ATÉ ESTE MOMENTO, PENSAMOS**

Que é necessária uma discussão sobre o cinema em articulação com o ensino de Geografia. Ainda percebemos o cinema na escola, na maioria das vezes, como mera

atividade ilustrativa para paisagens geográficas, o que é pouco diante da sua possibilidade como arte. Com a experiência docente em conjunto com os estudantes, ao experienciar o cinema ele nos expõe ao diferente, ao novo, se comparado à postura de espectador que estamos acostumados a ter diante dos grandes meios de comunicação. Experienciar cinema é em Geografia problematizar, descolar, movimentar, reescrever, ler o mundo pela arte, entender como é feito, entender como ele não pode ser exemplificado.

Que trazer o cinema para escola como arte é oportunidade de movimentar o pensamento para além do uso do cinema como ilustração. Ele possui toda uma arte construída na sua elaboração, através de sons, roteiro, fotografia, entre outros, que capturam o espectador para além do assistido, permitindo inventar outros mundos o que nos interessa no ensino de Geografia. Os filmes possuem imagens que participam de uma construção de mundo ao mesmo tempo em que mostram um mundo ali construído como arte, mas não é uma ilustração fiel deste. Esse questionar das imagens é uma possibilidade para abertura de outras Geografias em sala de aula.

Que um dos grandes desafios ao cinema é que na escola temos, muitas vezes, a tendência de artificializar e de reduzir (as representações) por meio de imagens. Isso é muito pouco diante da necessidade de um ensino de Geografia na contemporaneidade. Precisamos permitir a criação de outros mundos, com outras Geografias que não estão em um currículo oficial estabelecido, mas que acontece ali na prática em conjunto com nossos alunos. Para além de reproduzir discursos que já estão na sociedade, nossas aulas podem, sim, trazer uma sensibilidade que possa criar estranhamentos que são necessários para que surjam conhecimentos geográficos mais relacionados à vida de professores e de estudantes.

Que quando se discute o cinema na escola ou quando esse se torna mais uma das demandas do currículo escolar, as discussões tendem a dizer o que os professores devem fazer. Pelo contrário, podemos nos aprofundar neste conhecimento da relação do cinema com a escola para utilizá-la como forma de resistência. Não podemos deixar de refletir à luz do local de onde falamos, como professoras. Todos os desafios cotidianos da educação trazem a necessidade da autoria docente como um intelectual que dever ser a sua profissão. Pensamos que seja bem mais interessante respeitar o gosto e desejo do professor por cinema, sem deixar de oportunizar formações para compreensão do cinema para além da ilustração e para ampliação de repertório.

Que é necessário na experiência com o cinema em sala de aula haver um encantamento na proposição do professor para que os estudantes também se sintam motivados a experienciar aquele momento. Acreditamos no professor para criar de forma

autônoma as resistências de acordo com o lugar que percebe em cada escola como alternativa a um currículo estabelecido previamente para a disciplina de Geografia.

Que é preciso problematizar na escola que o cinema não é apenas diversão ou lazer, mas é também produção de sentidos. O cinema será uma reação às burocratizações existentes na escola, que reproduzem sentidos comuns de mundo. Obviamente este é mais um desafio para nós professores, mas sabemos e acreditamos que a escola é ainda um dos espaços possíveis para movimentar o pensamento. Sem artificializar e reduzir a visão de mundo, sem tratar quer as imagens como representação, quer o cinema como ilustração em nossas aulas, podemos em outras Geografias perceber melhor este lugar da escola.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. Cinema, infância e sala de aula: relato sobre uma disciplina e sua perspectiva de formação de professores na universidade. In: BARBOSA, Maria Carmem Silveira; SANTOS, Maria Angélica dos (Org.). **Escritos de Alfabetização Audiovisual**. Porto Alegre: Libretos, 2014. p. 156-197.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**. Tradução de Mônica Costa Netto; Sílvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE FE/UFRJ, 2008.

CORAZZA, Sandra Mara. Contribuições de Deleuze e Guattari para as pesquisas em educação. **Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais**, Santa Maria, n. 8, p. 01-19, 2012.

KAERCHER, Nestor André. Práticas geográficas para lerpensar o mundo, converentendersar com o outro e entenderscobrir a si mesmo. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André (Org.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 15-33.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011.

OLIVEIRA Jr., Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a Geografias menores. **Pro-posições**, Campinas: Unicamp, v. 20, n. 3, p. 17-28, set./dez. 2009.

\_\_\_\_\_. O que seriam as geografias de cinema? **Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 27-33, 2005.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**. Por uma política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente cinema** - educação, política e mafuá. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

SKLIAR, Carlos. A educação que se pergunta pelos outros: e se o outro não estivesse aqui? In: LOPES, Alice Casemiro; MACEDO, Elizabeth (Org.). **Currículo** - debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2002. p. 196-215.

TONINI, Ivaine Maria. Notas sobre imagens para ensinar geografia. **Revista Brasileira Educação Geográfica**, Campinas, v. 3, n. 6, p. 177-191, jul./dez., 2013.

### Como citar este artigo:

#### ABNT

FERREIRA, D. S.; TONINI, I. M. Movimentar diversos mundos com o cinema no Ensino de Geografia. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 6, e202019, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202019>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

#### APA:

Ferreira, D. S.; & Tonini, I. M. (2020). Movimentar diversos mundos com o cinema no Ensino de Geografia. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 6, e202019. Recuperado em 25 janeiro, 2020, de <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202019>



This is an open access article under the CC BY Creative Commons 4.0 license.

Copyright © 2020, Universidade Federal do Maranhão.

